

O TRATAMENTO GRAMATICAL NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Ana Dalete da Silva (UERN)¹

anadaletesilva@hotmail.com

Janaína Maria Fernandes Guedes Queiroz (UERN)²

jani12fg@gmail.com

Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)³

rosangelauern@gmail.com

Introdução

O presente trabalho discute acerca do modo como os livros didáticos de língua portuguesa, especialmente os direcionados ao Ensino Fundamental abordam a gramática. Procuramos investigar se os encaminhamentos propostos nesse material se pautam na perspectiva do fenômeno linguístico recentemente denominado Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente na qual a língua é entendida como um sistema funcional, em que se passa a valorizar o uso da linguagem voltado para o contexto discursivo em situações reais de comunicação. Dessa maneira, levando em consideração a relevância dessa ferramenta pedagógica no contexto escolar, buscamos apresentar uma análise reflexiva sobre a língua a partir das propostas de atividades linguísticas desenvolvidas no ensino de língua materna. Tendo como objetivo investigar de que forma as atividades de gramática se efetivam nos livros didáticos.

Para tanto, escolhemos como *corpus* de pesquisa o livro: Vontade de saber português, de Tavares e Conselvan (2012), destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental. As amostras analisadas são provenientes das seções referentes à produção oral e a língua em estudo, na qual foram selecionadas quatro atividades. As seções foram analisadas, tendo como enfoque investigativo os contrastes entre ensino de gramática normativa e prática de análise linguística a luz dos pressupostos funcionalistas. Nosso estudo assume uma metodologia de caráter descritivo-interpretativo e bibliográfico, no qual os dados foram analisados qualitativamente. O suporte teórico adotado para atender aos objetivos propostos na análise das amostras é a Linguística centrada no uso (Usage-based Linguistic) conforme os postulados teóricos de: Hopper (1987), Du Bois (1985); Furtado da Cunha (2003, 2007, 2008); Martelotta (2011); Neves (2002, 2006), entre outros.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido constantemente, alvo de inúmeros questionamentos e discussões, especialmente nas questões relativas ao trabalho desenvolvido

¹ Bolsista da CAPES e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, Pau dos Ferros - RN.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, Pau dos Ferros - RN.

³ Doutora em Estudos da Linguagem, docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, Pau dos Ferros – RN.

com a gramática no ambiente escolar. Isso significa que, viciados na tradição, ainda não conseguimos desempenhar uma prática que viabilize a integração do aspecto gramatical ao efetivo uso da língua. Frente a essa realidade, parece-nos que a ideia de exposição de paradigmas linguísticos, conceitos, definições e sistematização permanecem revestindo as atividades propostas no ensino vigente nas escolas.

Desse modo, considerando o livro didático um instrumento educacional de extrema relevância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, objetivamos neste trabalho refletir sobre a maneira como a prática da análise linguística é abordada nesse material didático que juntamente com a gramática têm se destacado como objeto de estudo em diversas pesquisas na área da linguística. Isso se deve ao fato de que, existe uma busca incansável de se conhecer o que representa trabalhar com a gramática e/ou como ensiná-la. Nessa perspectiva, compete reavermos as discussões em torno das proposições formuladas pelo livro didático relacionado à gramática.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o organizamos em sessões. Inicialmente, apresentamos a síntese teórica, que discorre sobre questões do funcionalismo linguístico, especificamente o norte-americano como também trazemos algumas considerações acerca do livro didático para o ensino. Em seguida, realizamos a análise das amostras do *corpus* selecionado, mostrando o tratamento da gramática presente no livro didático de Língua Portuguesa, conforme delimitação dos nossos objetivos. Por fim, tecemos nossas considerações sobre os resultados alcançados com o estudo.

1. Funcionalismo linguístico: implicações para o ensino de Língua Portuguesa

Antes de tecermos qualquer consideração acerca do funcionalismo linguístico, queremos registrar em meio a gama de parâmetros abarcados por esse campo do conhecimento, que este tópico é dedicado, especialmente, a vertente norte-americana e às discussões sobre o papel da gramática no contexto educacional.

A abordagem funcionalista norte-americana defende a premissa de uma linguística que priorize no ensino de língua portuguesa uma prática pautada no uso. Visto que, tendo a língua como produto de atividades sociais, históricas e culturalmente construídas considera que esta, é resultante de um conjunto complexo de atividades, sendo, por sua vez, materializadas nas diversas situações de interação. Segundo Neves (2006, p. 17):

O funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, certamente, das funções dos meios linguísticos de expressão.

Podemos dizer que, o funcionalismo amplia o cerne dos estudos linguísticos para além dos elementos estruturais, isto porque de acordo com Furtado da Cunha (2008, p.157), suas investigações “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Para essa abordagem, a língua não é um sistema autônomo, pronto e homogêneo, mas, susceptível as mudanças do uso linguístico.

Dessa maneira, para os funcionalistas, a língua não pode ser analisada fora de seu contexto extralinguístico, sendo, portanto, investigada não somente em seus aspectos gramaticais, mas também pragmáticos e discursivos. Nesse véis teórico, a gramática é

dinâmica, fluida e está em constante construção, é como postula Du Bois (1985), um “sistema adaptativo”, uma vez que vai sendo construída rotineiramente.

Assim sendo, a ênfase é direcionada a relação do fenômeno linguístico no contexto social, na qual a gramática passa a ser interpretada como produto da interação entre os falantes efetivados no uso real da língua. Nesse sentido, “parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2003 p. 14).

Com base nisso, o funcionalismo propõe que o discurso e a gramática sejam estudados concomitantemente, a fim de que se possa compreender como a língua se configura. Busca-se, então, analisar a língua conforme o contexto linguístico, levando em consideração toda a situação comunicativa, o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo. Para Martelotta (2011, p. 63), “no uso da língua, determinados aspectos de cunho comunicativo e cognitivo são atualizados e, se queremos compreender o funcionamento da linguagem humana, temos de levar em conta esses aspectos”.

Assim, a língua é concebida como instrumento de interação social, já que cada entidade linguística é determinada em decorrência da atuação desses fatores nos processos reais de comunicação. Nos termos funcionalistas, não se concebe a gramática como alheia do uso concreto da língua, visto que, o discurso necessita dos padrões da gramática para se processar. De acordo com Furtado da Cunha; Tavares (2007 p. 116):

A gramática é, pois, o resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas recorrentes, que decorrem de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso. As regularidades observadas no uso interativo da língua são explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica esse uso.

Ou seja, o funcionalismo rompe categoricamente com os estudos formalistas que até então estabelecidos, adotavam a noção de língua como autônoma e imutável. Limitando-se, assim, a descrição da língua sem levar em consideração o contexto comunicativo. Ao contrário do que se vê nesses estudos, a perspectiva funcional traz para as investigações linguísticas novos direcionamentos e rumos. Isto é, os velhos padrões tradicionalmente instituídos de que para aprender gramática é preciso memorizar regras, começam a serem refutados.

Com isso, a concepção funcional torna evidente a necessidade de uma sistematização em que seja posta como objeto de reflexão os fatos da língua legitimada pelo seu efetivo funcionamento. Configura-se, pois, a necessidade do ensino de gramática está voltado para as condições discursivas no uso interativo da língua, com o intuito de abandonar o ensino prescritivo de normas e regras instituídas pela gramática normativa. A esse respeito Travaglia (2003, p. 09) salienta:

A gramática não é um fato ou fenômeno singular, mas um fato ou fenômeno plural. Assim sendo, seu ensino nunca poderá ser algo que tem uma abordagem, finalidade ou metodologia única, o ensino de gramática é plural e, como profissionais da língua (linguistas, gramáticos ou professores de língua materna ou estrangeira, etc.), precisamos estar preparados para trabalhar com esta pluralidade, com os muitos aspectos sociais, ideológicos, científicos, epistemológicos, políticos, educacionais envolvidos, entre outros.

Isso significa que, devemos enquadrar em nossos estudos gramaticais os atos enunciativos do discurso. Essa visão dinâmica da gramática deve ser compreendida em sala de aula como um artifício estratégico para que os professores possam trabalhar, de maneira dialética, as rotinas linguístico-discursivas no âmbito escolar. Proporcionando aos alunos a oportunidade de refletirem sobre os recursos que a língua oferece nas aplicações práticas do dia-a-dia, deixando de lado os moldes teóricos que enclausuram a língua.

Isto é, o Funcionalismo Norte-americano propõe desmistificar os moldes de entidades gramaticais discretamente isoladas e estáticas, mostrando que a gramática de uma língua não se constrói de regras absolutas. Em outras palavras ela é como postula Hopper (1987) uma “gramática emergente”, pois está sendo renovada constantemente de modo a satisfazer as demandas da interação entre os usuários.

Dessa forma, essa corrente teórica tem muito a contribuir com a prática dos professores de língua, visto que, não faz sentido trabalhar a gramática em sala de aula desvinculada das práticas de linguagem. Ao professor compete a incumbência de, reconhecendo o estatuto fundamental das funcionalidades da língua na medida em que esta é usada, está apto para enfrentar o desafio de ensinar Língua Portuguesa dialeticamente, trabalhando com a gramática de maneira contextualizada. Devendo, pois, contribuir para que o aluno, ao refletir sobre os mecanismos da língua seja conduzido a buscar explicações mais articuladas acerca do seu funcionamento.

Podemos ver que, o ensino de língua, dentro desse panorama teórico requer um trabalho que visa ir além da estruturação mecânica da língua, integrando em seu escopo os estatutos semânticos, pragmáticos e discursivos. Mais do que isso, é necessário ultrapassar os limiares instituídos pelo ensino tradicional. Feitas essas considerações, é imprescindível dentro das nossas discussões tecermos apontamentos sobre o livro didático, uma vez que, constitui um suporte pedagógico de forte influência na prática docente que tange o trabalho com a gramática no espaço escolar.

2. Reflexões sobre o livro didático no trabalho com a gramática em sala de aula

O livro didático é uma ferramenta de apoio educacional de extrema relevância para o ensino, muito embora, também represente o foco de inúmeras críticas e discussões acerca da sua eficácia. Dentre as problemáticas em torno do LD estão às questões referentes à exploração da gramática nas atividades propostas. Isto porque segundo Neves (2002 p. 241), ainda predomina “atividades de simples rotulação, reconhecimento e subclassificação de entidades (classes ou funções); essas atividades se apoiam em uma prévia definição das entidades, oferecida como acabada, pretensamente inequívoca, absoluta [...]”.

O que acontece é que, alguns livros didáticos permanecem com instruções mecânicas, priorizando atividades que tem por objetivo apenas encaixar as entidades colocadas de forma isolada em textos ou pré-textos elaborados e prontos. O que, em certa medida, acaba tornando as aulas de Língua Portuguesa exaustiva. Como aponta Furtado da Cunha (2007, p. 14), “desestimula a curiosidade intelectual dos jovens alunos”, na qual a aprendizagem da língua passa a ser considerada “a mais difícil e mais complexa de todas, a mais chata, a mais complicada [...]”.

Nessa perspectiva, compreendemos o quanto é importante que a gramática seja vista como fruto do processo de uma construção interativa, deixando, assim de ser entendida como um conjunto de regras prescritivas. Segundo Marcuschi (2000, p. 83), “a questão do papel da gramática no contexto do ensino de língua é sempre um tema complexo e polêmico”. Ao contrário do que se vê, os livros didáticos deveriam explorar atividades de forma

contextualizada, dentro de uma perspectiva textual. Sugerindo, portando, atividades didáticas direcionadas a uma análise linguística dialética do processo de construção social e histórico da efetivação da língua em uso.

Considerando a importância do LD em sala de aula, estes precisam ser elaborados com vista a trazer o rompimento de formas tradicionalmente instauradas. No qual, os conteúdos explorados devem ressaltar, principalmente as trocas linguísticas efetivadas entre os interlocutores em situações de interação. De acordo com o Ministério da Educação (2003, p. 18) o livro didático é:

É um importante material de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, pois contribui, ao mesmo tempo, para o trabalho do professor e para o estudo do aluno. Embora a prática pedagógica do professor envolva diversas dimensões, como sua pesquisa constante para o aprimoramento de seu trabalho em sala de aula, um livro didático com textos adequados, ilustrações pertinentes e informações atualizadas auxilia no planejamento de ensino. Para que suas possibilidades sejam aproveitadas ao máximo, o livro didático deve estar adequado às necessidades da escola, do aluno e do professor.

No entanto, vale destacar que o livro didático selecionado pelo corpo docente nas escolas deverá complementar o abordagem metodológica desse profissional, de forma a implementar e subsidiar as atividades didáticas, com o propósito de promover, apoiar e orientar o ensino. Enfatizando a língua não como um sistema fechado, mas valorizando a língua em funcionamento, o que implica que ela seja posta como objeto de reflexão. A fim de propiciar o desenvolvimento das competências textual e gramatical dos alunos, ambas, práticas discursivas, isto é, usos da língua.

Porém, parece que o livro didático permanece cristalizado no tempo, mantêm-se a noção de língua como um sistema autônomo, com propostas que não estabelecem correspondência com o cotidiano ou com as nossas necessidades. O que acaba ocasionando no ensino de Língua Portuguesa entraves, uma vez que o tipo de gramática adotado é incapaz de explicar os fenômenos da linguagem em sua totalidade. Assim, ao invés de fomentar o desempenho linguístico do aluno, acaba desestimulando-o. Na concepção de Marcuschi (2005, p. 48):

É sabido que o manual de Língua Portuguesa (LP) usado hoje seja no ensino fundamental ou no médio, de um modo geral não satisfaz. Muitas são as razões desse estado de coisas. Entre as principais estão sua desatualização em relação às necessidades de nossa época e a falta de incorporação dos conhecimentos teóricos acerca de língua hoje disponíveis.

Apesar de alguns livros mostrarem resquícios de tentar incluir em suas propostas subsídios que forneçam explicações da língua incluindo os domínios discursivos, contemplando fatores relacionados ao uso e aos elementos extralinguísticos, nota-se que estas tentativas ainda não conseguiram se desligar, em certa medida, da gramática pautada nas nomenclaturas e regras. Para Santos e Carneiro (2005, p. 206), “o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessárias”.

Nesse sentido, é preciso que o professor esteja apto a assumir a responsabilidade ética na escolha do material didático, reconhecendo, também, as insuficiências e limitações

dessa ferramenta pedagógica. Já que, apesar de reconhecermos sua importância, destacamos que ele nem sempre preenche todas as lacunas ou necessidades que o ensino-aprendizagem demanda. Pois está sempre faltando alguma coisa, o que requer o intermédio tanto de professores como de alunos para complementá-lo.

Torna-se necessário uma avaliação articulada, criteriosa e sistemática dos livros adotados pelos educadores. Para isso, ao escolher o livro didático a ser utilizados pelos alunos em sala de aula, deve-se atentar para aspectos como: proposta pedagógica, contextualização dos conteúdos abordados, relevância social dos exercícios propostas com ênfase na realidade e cotidiano dos estudantes.

Portanto, vale frisar que nesse momento de mudança de paradigmas e inúmeras discussões, que o livro didático, como já dito, não supri todas as problemáticas do ensino. Por conseguinte, não deve determinar o fazer pedagógico do professor, mas direcioná-lo a uma prática coerente e significativa. Deve-se assinalar, que este material didático, vislumbra o desenvolvimento das capacidades discursivo-pragmática e semântico-cognitiva dos alunos.

3. Explorando os achados: análise do *corpus*

Nesta sessão, apresentamos uma análise da língua, a partir das atividades propostas no livro didático de Português do 6º ano do Ensino Fundamental II, com base no campo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso. Partimos, assim, para a investigação de quatro atividades selecionadas, contidas nas seguintes sessões: “Produção oral e A língua em estudo”. Nas quais as autoras sugerem atividades direcionadas a produção de textos orais e análise linguística.

Buscamos verificar a forma como as autoras abordam as instâncias da linguagem e os aspectos gramaticais no livro didático, no sentido de averiguar se elas fazem referência ao uso linguístico ou se continuam atreladas a uma perspectiva normativa da língua. A parte que se segue é referente à sessão “Produção oral”, no tópico intitulado “Dicas para que a atividade seja bem-sucedida”. Observamos que as autoras trabalham as produções escritas e orais sempre norteadas por textos apresentados no início de cada capítulo.

Dicas para que a atividade seja bem-sucedida

- Antes de contar a história, treine a maneira como vai narrá-la. Você pode treinar em casa, de frente ao espelho, ou narrando-a para seus familiares.
- Ao contar a história, procure falar pausadamente e use um tom de voz adequado, não muito baixo nem alto demais.
- Pronuncie as palavras de forma correta e com clareza e evite a repetição de expressões como **aí, daí, né, tá entendendo**.
- Para prender a atenção dos ouvintes, narre a história com expressividade e entusiasmo, utilizando gestos, mímicas, expressões faciais e até efeitos sonoros produzidos com a boca ou com as mãos, com os pés etc.

LD do 6º ano (TAVARES & CONSELVAN, 2012, p.66)

Nesta atividade as autoras têm como referência contos de fadas e paródia do respectivo gênero, além disso, são apresentadas instruções acerca dos textos trabalhados, bem como são destacados suas principais características. Conforme a visão das autoras tais atividades têm o objetivo de possibilitar aos alunos vivenciarem experiências significativas de comunicação oral.

Entretanto, percebemos, claramente, que a proposta lançada não condiz totalmente com o objetivo supracitado, haja vista que prioriza a abordagem mecanicista da linguagem ao sugerir que o aluno “pronuncie as palavras de forma correta e com clareza” evitando as repetições das palavras grifadas. Embora o livro contemple questões relacionadas à oralidade,

percebemos que ainda conduzem o estudante a preconizar os conceitos da gramática normativa. A visão de norma, “certo” e “errado” é bem visível nesse trecho. As expressões que as autoras pedem para o aluno evitar são marcas da oralidade, contudo, são vistas como incorretas na efetivação de uma atividade de cunho oral. Para Oliveira e Coelho (2003, p.108):

O professor deve considerar a noção de adequação ao gênero e ao registro, reconhecendo os diferentes usos da língua, as interferências pragmáticas correlacionando a questão da norma culta, uma vez que o que está em jogo não é a correção das formas linguísticas, mas sua adequação às condições do contexto comunicativo.

Conforme os estudos funcionalistas a língua deve ser compreendida levando-se em consideração os parâmetros discursivos-pragmáticos das situações reais de comunicação. Sob esta ótica, é preciso destacar a relevância do contexto e todos os elementos extralinguísticos, ou seja, os falantes, o ato da fala, o propósito comunicativo entre outros elementos constituintes do discurso. Dessa forma, o funcionalismo preocupa-se com a relação da língua nos diferentes âmbitos comunicativos, enfatizando que a gramática é flexível e adaptativa, estando, portanto, susceptível as pressões do uso linguístico.

Na amostra seguinte, retirada da sessão “A língua em estudo”, as autoras trabalham com a morfologia, mais especificamente, com a classe substantivo. Inicialmente, elas introduzem o conteúdo a partir de uma tirinha, a qual serve de pressuposto para a definição da classe de palavras em estudo, conforme apresentado pela gramática tradicional. Notamos, mais uma vez, propostas de exercícios mecânicos solicitando a escrita de palavras (nomes) para simplesmente reforçar o conceito de substantivo adotado pelo LD. Atividades dessa natureza deixam transparecer que a língua não é assimilada como ferramenta social, dinâmica, uma vez que enfatiza, apenas, a descrição e normatização das estruturas linguísticas. Fato que não favorece o desenvolvimento da competência comunicativa, textual e discursiva dos alunos.

1 Observe o termo destacado na seguinte fala de Suriá: “A professora disse que era legal observar a **realidade**”. A que tipo de observação você acha que a professora estava se referindo?
Ela estava sugerindo que as meninas observassem os seres existentes na vida real.

2 Que seres as meninas observaram?
Passarinho, supermercado, carro, avião, árvore, casa e esqueleto amarelo.

3 Qual dos seres observados mais chamou a atenção delas?
O ser que mais chamou a atenção das meninas foi o esqueleto amarelo.

4 Em sua opinião, elas entenderam a orientação da professora? Por quê?
Resposta esperada: não, porque deram o título de “As aventuras do esqueleto amarelo” à história que

5 As palavras citadas pelas meninas foram empregadas com que função?
Para nomear os seres que elas viram pela janela. certamente não se limitaria aos seres observados pela janela.

As palavras **passarinho, supermercado, carro, avião, árvore, casa e esqueleto**, empregadas pelas personagens, são chamadas de **substantivos**.
O substantivo é a palavra que dá nome aos seres (reais ou imaginários), objetos, sentimentos, lugares, ações, estados etc.

LD do 6º ano (TAVARES & CONSELVAN, 2012, p.67)

Notamos que este tipo de atividade não corresponde aos parâmetros teóricos Funcionalistas que “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA, COSTA e CEZARIO 2003, p.29).

Dando continuidade ao trabalho com substantivos, as autoras propõem a classificação desses elementos gramaticais e, posteriormente, sugere uma lista deles para que os educandos produzam frases, utilizando-os. Aqui, podemos observar, além do trabalho puro com a nomenclatura, que a análise linguística não ultrapassa o nível da frase, ficando restrita

apenas a categorização das sentenças. Desse modo o livro deixa lacunas no plano semântico, pragmático e discursivo.

- b) Que animais o eu lírico cita no poema?
Bestas, burros, cavalo, bois e vacas.
- c) Esses substantivos são comuns ou próprios? Explique essa classificação.
Esses substantivos são comuns porque nomeiam seres de uma mesma espécie, sem particularizá-los.
- d) Cada um dos animais citados recebe um nome específico para distingui-los. Escreva quais são esses nomes: *Andorinha, Neblina, Baronesa, Marquesa, Princesa, Sereia, Pilantra, Estrela, Relógio, Soberbo, Lambari, Majestade, Besouro, Beija-flor, Pintassilgo, Camarão, Bordado, Labirinto, Cigarinha e Redonda.*
- e) Qual é a classificação que esses nomes recebem? Explique.
Esses substantivos são próprios porque nomeiam seres em particular, destacando-os nos grupos.

1 A palavra em destaque no balão é originária de outra palavra, isto é, ela foi criada a partir de uma outra. Você sabe qual palavra é essa?

Resposta esperada: caça.

2 Você se lembra de outros substantivos que se originaram a partir dessa palavra?

Possíveis respostas: caçar, caçada, caçadeira, caçadeiro.

Se necessário, oriente os alunos a consultarem um dicionário para responderem a essa questão.

São chamados **substantivos primitivos** aqueles que não se originam de nenhuma outra palavra da língua e que podem dar origem a outras palavras. É o caso, por exemplo, de caça, cavalo, rio, boi, carro e plano.

São chamados **substantivos derivados** aqueles formados a partir de uma palavra já existente, ou seja, que se originam de outra palavra, como caçador, cavaleiro, riacho, boiada, carreteiro e planejamento.

LD do 6º ano (TAVARES & CONSELVAN, 2012, p.71)

Levando em consideração a visão funcionalista da linguagem não devemos nos restringir as frases e períodos isolados, mas incluir em nossos estudos gramaticais os atos enunciativos do discurso, desta maneira é possível compreender que há uma relação contínua entre o discurso e uso real da língua. De acordo com Martelotta (2011, p.70):

Na visão centrada no uso, não há um universo pronto, esperando para ser nomeado, mas sim criado pela e para comunicação linguística, através de um processo de categorização que reflete a utilização de aspectos cognitivos atualizados no uso, tendo, portanto, caráter sociocultural.

Com isso, reforçamos a ideia de que o LD em análise focaliza em sua composição uma visão de ensino de língua que não privilegia a funcionalidade da língua, divergindo da concepção empreendida na prática de análise linguística, que objetiva integrar no campo dos seus estudos uma percepção da língua com foco na interação.

- a) Escreva em que gênero e número estão os substantivos destacados no primeiro parágrafo do conto. *Eles estão no masculino (gênero) e no plural (número).*
- b) Essas palavras indicam que os animais eram todos do mesmo sexo ou generalizam as espécies, isto é, referem-se aos animais de ambos os sexos?
- c) Reescreva o último parágrafo, passando para o singular as palavras destacadas e fazendo as adequações necessárias. *Naquele momento, a vida arrebentou no castelo. O cão latiu e abanou o rabo, a mosca voou, o passarinho cantou.*

LD do 6º ano (TAVARES & CONSELVAN, 2012, p.88)

Nesta atividade, ainda, enfocando, substantivo (gênero e número) as autoras insistem na mecanização da tarefa sugerindo a reescrita do último parágrafo do conto “A Bela Adormecida” com base nos conceitos trabalhados. Observamos a insuficiência desses conhecimentos visto que a língua não pode ser simplificada a fatos linguísticos isolados, pois se trata de uma atividade interativa, que se materializa em vários contextos de produção com diversos propósitos comunicativos, norteada por aspectos sociais, históricos e culturais e pela interação entre os falantes.

Diante disso, os trabalhos que relacionam conhecimentos linguísticos devem enfatizar os elementos primordiais para a construção do texto e, por conseguinte, para a comunicação. Dessa maneira, os aspectos estruturais, linguísticos e funcionais, atuam como ferramentas indispensáveis na constituição dos sentidos. À medida que os alunos têm domínio do uso desses elementos, tornam-se habilitados a expandir sua capacidade linguística de forma a diversificá-la, com isso, poderão utilizá-las em situações reais de uso. Por fim, acreditamos que é necessário desempenhar uma prática que ultrapasse a abordagem tradicionalmente dada a esses conteúdos.

Conclusão

Diante do exposto, podemos perceber que o estudo da gramática isolada, que desconsidera o contexto de uso já não se sustenta mais nos dias de hoje. Constatamos em nossas análises que a gramática veiculada no livro didático do 6º ano, foco da nossa investigação, ainda é trabalhada a partir de atividades que exploram somente a estrutura. Embora em alguns momentos se perceba a tentativa de associar a funcionalidade da língua, verificamos que os textos introdutórios utilizados em cada sessão do livro, são usados meramente como pretexto para enfatizar o estudo mecânico das regras e normas.

Nas quatro amostras analisadas, notamos que os exercícios propostos não ultrapassam a estrutura gramatical. Adentrar em uma nova perspectiva de ver a língua, buscando compreendê-la dentro da dimensão do uso tem constituído um desafio no ensino. Evidentemente, podemos afirmar que a abordagem funcionalista tem muito a contribuir e colaborar com o estudo da língua. Desse modo, salientamos que a gramática deve ser trabalhada como elemento significativo, de modo a contemplar o estudo da língua em funcionamento, visto que ela é resultante da interação estabelecida pelos usuários nas situações de comunicação.

Torna-se claro que o livro utilizado pelo professor, em sala de aula, precisa propor direcionamentos que contribuam com a qualidade educacional e com o domínio do sistema linguístico dos alunos em detrimento de práticas de ensino que valorizem a reflexão sobre a língua em uso real. Isso revela que o trabalho com a gramática no contexto escolar, precisa ser repensado no livro didático em questão, pois é necessário atender a exigências do sistema educacional vigente, que preconiza, sobretudo, a concepção da língua em uso.

Dado a relevância desse trabalho, procuramos despertar uma visão crítica tanto de professores, como de alunos de Letras acerca desse importante material de apoio ao processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, com um olhar voltado para a aplicabilidade de conceitos funcionalistas a análise linguística preconizada pelos livros didáticos. A fim de contribuir para o aprimoramento no ensino de gramática, considerando o real funcionamento da linguagem.

Sendo assim, uma perspectiva pedagógica que integre a gramática sob a ótica da interação e do funcionamento textual discursivo, certamente tornará a prática de ensino mais significativa. Para tanto, é primordial que o livro didático continue sendo discutido, refutado e avaliado, a fim de que possa desencadear a inserção das multifuncionalidade linguísticas como cerne das atividades propostas. Despertando, dessa forma, o senso crítico dos alunos e contribuindo para o ensino de Língua Portuguesa no que compete ao aspecto gramatical.

Referências

FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. TAVARES, M. A. (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal- RN: EDUFRN, 2007.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. CARNEIRO, M. H. da S.; SANTOS, W. L. P. dos; MÓL, G. de S. **Livro Didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida**. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, V. 7, N. 2, dez 2005.

MARCUSCHI, L. A. A gramática e o ensino de língua no contexto da investigação linguística. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Discutindo prática docente em língua portuguesa**. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. Compreensão do texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). **O Livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Introdução Geral. **Guia de livros didáticos de 6º a 9º ano – PNLD/2003**. Brasília: Ministério da Educação, 2003. p. 18-20.

NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, M; COELHO, V. Linguística funcional aplicada ao ensino de português, In: CUNHA et al. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

TAVARES, R. A. A.; CONSELVAN, T. B. **Vontade de saber português - 6º ano**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2012.